

Maurício Matos*

A Flor dos Terramotos

FREITAS, Manuel de
Lisboa: Averno, 2005.

Dedicado “à memória de Sérgio Eloy”, é de sua autoria a imagem em preto e branco na belíssima capa de *A flor dos terramotos*, livro de Manuel de Freitas, espécie de réquiem poético urbano, dividido em quatro partes intituladas com versos do texto do *Stabat Mater*: *O Quam Tristis et Afflicta, Pro Peccatis Suae Gentis, Juxta Crucem Tecum Stare* e *Quando Corpus Morietur*. Estruturalmente, com exatos vinte poemas, cinco por seção, poder-se-ia dizer que o título *Stabat Mater* ocupa uma posição intermédia no livro: *Stabat Mater I, II, III e IV* são os terceiros poemas de cada uma das partes. Como se sabe, o texto do *Stabat Mater* foi matéria para alguns dos maiores nomes da música erudita, como por exemplo Vivaldi, Haydn e Verdi, entre muitos outros. Todavia, o compositor que parece ter inspirado *A flor dos terramotos* é Pergolesi, denunciado em “*Stabat Mater III*”, a cuja memória o poeta (ou o eu-lírico), em verso, acende, não uma vela, mas um cigarro, escreve, “sem querer, / o primeiro poema do ano” e, de forma portanto inaugural, corrompe a tradição e reinventa o objeto erudito. É esta a plataforma sobre a qual Manuel de Freitas edificará, numa síntese entre as poéticas do “fingimento” e do “testemunho”, uma das mais penetrantes obras do início do século XXI, como se pode perceber, por exemplo, nos versos de “Escudo Humano”: “Dois homens, numa taberna, / enquanto chovia. O terceiro / era eu: aquele que escreve / e não escreve este poema.” Testemunha dos “dois homens”, é em terceira pessoa que Manuel de Freitas apresenta um “eu”, “aquele que escreve”, mas também aquele que, simultaneamente, “não escreve” o poema, aquele que é e não é o poeta, *aquele* que testemunha e *este* que finge ser. É desta forma que Manuel de Freitas opera a síntese entre as mais importantes poéticas portuguesas do século XX: o fingimento de Fernando Pessoa e o testemunho de Jorge de Sena. A notória contraposição entre ambas revela-se, portanto, superficial em relação à profundidade da *morte*, enunciada desde o primeiro poema “Alto de São João” (“[...] Talvez / a nossa única vocação / seja mesmo morrer”),

* CNPq / UFRJ

em que Sérgio Eloy é, intimamente, apenas “Sérgio”, até ao último, “Pompe Inutili” (“Os mortos sabem-no. / A sabedoria é inútil. / A poesia também.”), um dos mais enigmáticos poemas da contemporaneidade, em que a vida é afirmada através de sua negação, de seu oposto, processo este anunciado em “Capela dos Ossos”, onde se lê: “À direita, frágil negação da morte, / cresciam flores em desordem / e voltamos a pagar para ver / os ossos que nos esperam, / sobrepostos como os dias e as noites / que tão pouco vivemos”. Na primeira estrofe do mesmo poema, ouve-se a informação de que “uma voz” indeterminada conduziria os visitantes entre os ossos da capela, voz esta que, pouco adiante, se mostra apenas “uma gravação em várias línguas / para gáudio dos turistas”. O cigarro ao invés da vela, a gravação no lugar do mistério, o século XXI a visitar o passado, a afirmar a vida, pois “os outros, na / verdade, não passam de mortos imperfeitos. / Estão, como nós, um pouco demasiado vivos.” E a presente resenha, tornando à agonia do *Stabat Mater*, não poderia deixar de apontar para o brilhante paradoxo da escrita de Manuel de Freitas, a *flor* nascida dos *terramotos*, a poesia florescendo da tragédia, a *memória viva*: um livro, “esse enigma, a negro; / talvez apenas o lápis do acaso, / capaz ainda de traçar a rota / dos bares, as conseqüências do fim, / o bordel onde nos espera Deus”: um dos mais violentamente belos versos da língua portuguesa. O fim não revela conseqüências... a poesia, sim.